

FOLK-LORE NORDESTINO

Bibliotheca de Leandro Gomes de Barros

O SONHO DE ANTONIO SILVINO

Na Cadeia

Em que lhe appareceram as
almas de todos os que
elle matou

Preço 300 rs.

O editor reserva os direitos de reprodução
de acordo com o artigo 649 do Código Civil.

EDITOR
PEDRO BAPTISTA
Rua 7 de Setembro n. 17
GUARABIRA
Estado da Parahyba do Norte

—1918—

Aviso ao Povo Pernambucano

Zito Baptista de Mendonça, morador em Villa Natchan, Estação de trens, achase encarregado da venda dos lotes de Leandro Gomes, podendo vender sem grosse e dar uma boa vantagem aos interessados.

Quem quiser negociar com o mesmo querre procurar em Villa Natchan.

Recife, Maio de 1918.

Pedro Baptista



LEANDRO GOMES DE BARROS

Nasceu em 1856 no municipio da Villa do Pombal e morreu no Recife no dia 4 de Março de 1918.

Aviso

Tendo fallecido o poeta Leandro Gomes de Barros, passou ao meu possuído a propriedade de material de toda a sua obra litteraria. Só a mim pois cabe o direito de reproducção dos folhetos do dito poeta e acho-me habilitado a agir dentro da lei contra quem commetter o crime de reproducção de ditos folhetos.

Previno às pessoas que negociam com folhetos, que tenho em deposito todos os que o poeta escreveu e que vendo-os pelo preço do costume, dando boa commissão.

PEDRO BAPTISTA

Guarabira, Estado da Parahyba do Norte

Livraria do Povo

RUA 7 de SETEMBRO N. 17

O Sonho de Antonio Silvino

Relatou-me o carcereiro,
Homem serio e muito exacto,
Que agora na detenção
Presenciou este facto:
Antonio Silvino sonhando
Que estava solto no matto.

Era meia noite em ponto
Envolta na escuridão;
Da cidade não chegava
Menor movimentação,
Apenas as sentinellas
Rondavam á Detenção.

Naquella hora solemne
Tudo que é preso dormia,
E do raio do nascente
Um grande zum-zum sabia.
Foi lá: era Antonio Silvino
Que num pezadelo se via.

Um pesadelo medonho
Agitava esse detento,
De olhos arregalados
De folego já sem alento,
Cabellos arrepiados
No maior do seu tormento.

Dava saltos como doido
Batendo dentro da cela,
Se estorçando por fallar
E a vóz presa na guela,
E p'ra accordar precisou
Do grito da sentinella.

E o resto dessa noite
Elle passou accordado,
Já p'ra amanhecer o dia,
Depois de se ter acalmado,
Contou o sonho seguinte
Por ser muito interrogado.

'Era uma noite medonha
De chuva, vento e trovão,
Era um theatro de horror
N'uma grande solidão,
Cordas de fogo desciam
Do espaço até o chão.

Gemia o vento nas grutas,
As cascaveis chocalhavam,
Os tigres dentro das covas
Amedrontados rosnavam,
Ao estalar dos trovões
As curujas se espantavam.

Era entre duas seras
Essa horrenda travessia,
Só mesmo um como eu
De noite, ali, não temia,
Atravessando esses ermos
Como se fosse de dia.

Muito mal se via um trilho.
No matto muito fechado
Muitas pessoas alli
De dia tinham errado,
Por que alli só andava
Raposa, onça e veado.

E nessa noite ia eu
Junto com 6 companheiros,
Rapazes de confiança
Corrosos e ligeiros,
Era mesmo que eu levar
Seis couraçados guerreiros.

Logo que entramos na gruta
Deu o primeiro trovão
E o relampago abriu
Cortando de vão em vão,
E nós ficamos perdidos
No meio da escuridão.

Então eu disse ao grupo:
—Corra quem quizer correr,
Não é pequeno o perigo,
E se algum teme morrer
Procure fuma de pedras
E trate de se esconder.

E elles me responderam:
—Aqui ninguem se esconde,
Por mais que abra o relampago,
Por mais que o trovão estronde,
A nós não falta coragem:
Chame que alguém lhe responde.

Então eu disse: pois bem,
Visto estarem com coragem
E estarmos muito molhados,
Não se interrompa a viagem;
Esperar aqui pelo frio
E' o que não acho vantagem.

Seguimos na escuridão.
A chuva grossa cahia
E eu marchava na frente
Aos outros fazendo guia;
Ao cabo de meia hora
Vi que ninguem me seguia.

Estavamos todos perdidos
Entre aquelles dois oiteiros;
Eu não sabia onde estava
Nenhum dos meus companheiros,
A escuridão augmentava
Debaixo dos nevoeiros.

Pensei que, si desse um tiro,
O grupo podia ouvir,
Ainda com sacrificio
Pudesse nos reunir;
Mas, podia o inimigo
Em lugar do grupo vir.

E eu me achando sosinho
Na entrada de um rochedo,
Ouvi um som de corneta
Que sahia do penedo,
E fallo com toda franqueza:
—Dessa vez eu tive medo.

Ouvi um echo espantoso
Que ribombava na serra
Dizendo: soldados mortos,
Chegai á face da terra,
Provai que depois de mortos
Tendes coragem p'ra guerra!

Ahi eu olhando vi
Um batalhão de soldados,
Mas, eram só esqueletos,
Com ossos ensanguentados;
Vi bem dois officiaes
Gritando aos seus commandados.

Metia terror se olhar
Para aquelles esqueletos,
Os ossos agigantados,
Os dentes grandes e pretos,
Só parecia que tinham
As boccas cheias de espetos.

Revesti-me de coragem
E disse: quem está lá?
Conheci logo Mauricio
E Nicassio de Trapiá
E um sargento de policia
Que eu matei no Ingá.

Disse o alferes Mauricio:
Dai-me esse rifle, assassino;
Eu então lhe respondi:
—Eu inda era menino,
Mas fazia sachristão
Dormir na corda do sino.

Então Nicassio fallou
Dizendo: estaes enganado,
Eu vivo fui inspector
E morto sou delegado,
Venho aqui com carta branca,
Levo-o morto ou amarrado.

Eu respondi: aqui trago
Munição que atiro um mez,
A noite está perigosa,
Estou só, como bem vês,
Porem bato mão ao rifle,
Inda te mato outra vez.

E tudo já me conhece,
Sabe que eu não faço graça,
Onde eu apontar o rifle
Nem mesmo o diabo passa,
Se passar e tiver alma
Vêl-a subir na fumaça.

Olhou-me e rangiu os dentes
Nicassio do Trapiá;
Então Mauricio gritou
Ao sargento do Ingá:
Vamos carregal-o vivo,
Deus se quizer solte-o là.

Eu ahi atirei logo
Antes do vulto parir,
O esqueleto pegou
A bala logo ao sahir
E jogou-a nos meus pés
E alli se pôz a sorrir.

Então eu disse em voz alta:
Matem, que matam um estrompa
O dia da minha morte
E' dia de grande pompa,
Atiro até no diabo
Embora a bala não rompa.

Disse um dos esqueletos:
Já estou certificado
Que nem mesmo no inferno
Tem quem mate este damnado,
Digam lá o que disserem
Esse! Só sendo encantado.

Eu respondi aos phantasmas:
Eu vivo por atrevido,
Felismente que até hoje
Tenho a tudo resistido,
Dos vivos sou emboscado
Dos mortos sou perseguido.

Porem, já sei, é da sorte
Não tem mais o que apelar
Até o proprio diabo
Querendo pode chegar,
Emquanto eu mover o braço
Garanto não afrouxar.

Nisso, chega um vulto preto
Com olhos ensanguentados,
Rangindo os dentes agudos,
Dedos grandes e envergados
Gritando aos outros phantasmas
Não esmoreçam, soldados.

Eu gritei para esse vulto:
Quer um rifle? tome o meu
Eu dou arma a quem vivo está
Quanto mais a quem morreu,
Todos quanto estão aqui
Já sabem bem quem sou eu.

Os vultos eram medonhos,
Soltavam gritos, gemiam,
Vomitavam chamas negras,
Os proprios ossos mordiam
Botavam a lingua de fora
E sobre a terra cahiam

Os trovões naquella hora
Dobravam seus estampidos,
Os morcegos se agitavam
Nos ares, espavoridos,
Os relampagos faiscavam
Deixanda os mattos varridos.

E o vulto em frente a mim
Firme em pé se conservou,
Quando um vulto agigantado
De um salto se apresentou,
Nisso estalou um trovão
Que a terra toda abalou.

O vulto disse: Silvino,
Eu sou um teu inimigo
Venho da eteridade
Somente acabar contigo.
Eu avancei logo e disse:
Desgraça não é perigo.

E os vultos reunidos
Então um grupo formou,
Meti o facão num delles
E elle nem se emportou,
Uma grande gargalhada
Aquelle vulto soltou.

A terra deu um estalo
Que rebuou no oiteiro,
Fez um fenda nã serra
E surgiu um cavaleiro,
N'um cavallo magro e preto
Mostrando ser bem ligeiro.

Trazia um punhal de fogo
Sobre um lado da cintura,
Cavalgava num cavallo
Que tinha horrenda figura
Sem cabelo e tinha a pelle
Mais preta que a noite escura.

O cavallo tinha a bocca
A forma de uma serpente,
E naquella bocca enorme
Não tinha um unico dente
Trez linguas muito vermelhas
Cor de ferro muito quente

O cavalleiro trazia
Uma espada numa mão,
E no copo da espada
Tinha enxofre e alcatrão
Uma serpente de fogo
Servindo de cinturão.

Fuzilou outro relampago
Que o mundo todo zuniu
Da faisca do relampago
Outro esqueleto saíu,
Dos outros que estavam allí
Um abraçou-o e sorriu.

Enrão allí estaquei
Prestando toda attenção,
Por traz dum vulto daquelles
Vi se erguer um grande cão
Me lembrei quando em paqueno
E pucheí uma oração.

Nesse momento o cavallo
D'alli desapareceu,
O cachorro deu 3 uivos,
Na terra se suverteu
Um d'aquelles esqueletos
Soltou um grito e correu.

Eu conheci que allí
Não tinha por quem gritar
Chamei por Nossa Senhora
Vi tudo então se afastar,
Mas eu fiquei de tal forma
Que nem podia fallar.

Então perguntava a mim
Como foi que escapei?
Aquelles vultos enormes
Como foi que os debandei?
E desse grande perigo
Como foi que me salvei?

Quem os teria mandado?
Onde estarão habitando?
Em vida me perseguiram,
Mortos stão me aperriando;
Mas são viagens perdidas
Que no mundo elles stão dando.

Não passaram 10 minutos
Outra corneta tocou,
Outro grupo de esqueletos
A mim se apresentou,
E então reconheci
Os que meu rifle matou.

Duzentos e trinta vultos
Vinham nesta ocasião
Só tinham perfeito os rostos
Nenhum mudou de feição,
Cada um então trazia
Uma luz acceza na mão.

Todos elles me fitaram
Querendo-me ameaçar,
Dizendo nossa existencia
Que não podemos gosar,
Tu a roubaste pois hoje
Nos havemos de vingar.

Nisso ahi eu respondi:
Pois não tenho o que fazer
Vocês vinham me matar
Eu não queria morrer
Quem vai dar leva seu sacco
Isso não tem que saber.

Um vulto partiu a mim
E passou-me uma rasteira,
Eu ahi metti-lhe o braço
Quasi lhe quebro a caveira
E disse: até o diabo
Vindo a mim perde a carreira.

Os vultos todos partiram
Uns gritando outros gemendo,
Mostrando das suas chagas
Um sangue preto escorrendo,
E elles todos rosnavam
Como que estavam mordendo.

Ahi me firmei num pé
Botei a vida de um lado,
E disse: pode vir tudo,
Agora estou animado
Venham os diabos todos
Deixem o inferno trancado.

Venham todos do inferno
Deixem limpo o territorio
Se for pouco vão chamar
Os que tem no purgatorio,
Convidem todos os mortos
Peçam-lhe adjutorio.

Eu só respeito do céu
O mais tudo pode vir,
Até no proprio diabo
Se atirar vejo cahir
Não escolho em quem atiro
Quem quizer pode partir.

Estou só, com fome e frio
Com esta noite de inverno,
Cercado aqui por um grupo
Que vem do paiz eterno
Minh'alma ainda se atreve
Botar abaixo o inferno.

Ahi sumiram-se os vultos
Fazendo grande alarido;
Foi quando rolei da cama
E caí no chão sem sentido,
E o grito da sentinella
Echoou no meu ouvido”.

Aqui terminou o sonho
Que Antonio Silvino contou,
E o carcereiro me disse
Que muito se admirou,
De ver a grande tristeza
Em que Silvino ficou.

Disse elle Antonio Silvino
Ficou muito commovido
Pensando na liberdade
Que tinha como bandido.
Se lastimando da sorte
Igual a um desilludido.

Lamentação

«Já tive dias felizes,
«Já gosei parte da vida

«Como sertanejo rustico
«Passei por quadra florida,
«Hoje aqui encarcerado
«Por todo mundo odiado
«Nesta maldita masmorra
«Invocando a divindade,
«Que mande com brevidade
«O bello dia que eu morra.

«Nesse dia enviarei
«O ultimatum da vida
«Como lembrança engastavel
«A' minha terra querida,
«Envio adeus aos rochedos,
«Lembranças aos arvoredos,
«Ao rio que por alli corre
«Ao pasarinho que vôa,
«Ao vento que anoite sôa,
«Ao sol que a tardinha morre!

«Enviarei outro adeus
«Ao sitio onde fui criado,
«Que serviu de testemunha
«A vida de um desgraçado,
«Que hoje nesta prizão
«Debalde emplora a razão
«E essa corre dispersada,
«Que o carcere que o encerra
«Breve o levará á terra
«Que o transformará em nada.

FIM

AVISO

Aos professores e negociantes de artigos para escolas, tais como livros em todos os gêneros e de autores adoptados, quadros, crayons, lapis, papel para escripta e para desenho, mata-borrão, tintas para aquarelha e de escripta, compassos e régua para desenho, giz escolar, cadernos de calligraphia vertical e americana, abacos de desenho, series de Abniravos para trabalhos manuaes, borrachas, canetas, marc-papel, palhetas para instrumentos, gnomonica "Elephante" para billiar, caixas de papel e centos de enveloppes, boletins escolares, cadernos para dictado e todos mais artigos concernentes a livraria, encontram-se a venda na

Livraria de Pezo

DIA 7 DE SETEMBRO DE 1917

GUARABIRA

7039

FOLHETOS DE LEANDRO GOMES DE BARROS

A VENDA EM GUARABIRA NA

Livraria do Povo

- A força do Amôr
 - A morte de Alonso e Vingança de Marina
 - A Filha do Pescador
 - Historia de Rosa e Lino. (O mal em paga do bem)
 - A Vida e o Testamento de Cancão de João
 - A Mulher roubada
 - O Principe e a Fada
 - Hist. da Donzella Theodora
 - Hist. de Branca-de Neve
 - Hist. de João da Cruz
 - O Boi Mysterioso
 - O Cachorro dos Mortos
 - Os sofrimentos de Alzira
 - O Reino da Pedra Fina
 - A India (Hist. de Caboclo Brabo)
 - A Orphã
 - A vingança de um Filho
 - A vida de Pedro Cem
 - A vida completa de João Lezo
 - O Nascimento de Antonio Silvino
 - A vida e os Sermões do Padre Cicero
 - Batalha de Ferrabraz
 - A Prisão de Oliveiros
- } Tirados do livro de Carlos Magno

NOTA

Devido a alta do preço do papel, todos os folhetos de ora em diante soffrerão tambem pequena alta no preço.